

A EDUCAÇÃO COMO FUNÇÃO SOCIAL PARA JOHN DEWEY

Education as a social function for John Dewey

Elaine Da Silva Pereira 

Mestranda em Educação - Formação de Professores pela Universidad Europea del Atlántico (UNEATLÁNTICO), Espanha. Graduada em Pedagogia pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID) e em Artes Visuais pelo Centro Universitário UniFAE. Pós-graduada em Psicopedagogia, Atendimento Educacional Especializado (AEE) e Arte e Educação. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Pesquisa em Educação, Tecnologia e Formação Docente (NUPET) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora concursada no Ensino Fundamental I pela Prefeitura Municipal de Itaquaquecetuba-SP. Email: esp788@gmail.com

Revista Educação em Contexto

Secretaria de Estado da Educação
de Goiás - SEDUC-GO
ISSN 2764-8982
Periodicidade: Semestral.
v. 4 n. 2, 2025.
educacaoemcontexto@seduc.go.gov.br

Recebido em: 20/08/2025

Aprovado em: 04/11/2025

DOI: <http://doi.org/10.5281/zenodo.17726904>

Resumo

Este estudo analisa a visão de John Dewey sobre a escola como agente de transformação social e sua contribuição para a construção de uma sociedade democrática. Para o autor, a instituição escolar é fundamental no desenvolvimento de atitudes intelectuais como reflexão e responsabilidade social, essenciais para uma cidadania participativa. A pesquisa justifica-se pela relevância de compreender como a educação, em sua perspectiva, não apenas insere o indivíduo na cultura, mas também o emancipa de paradigmas tradicionais mediante o contato com diversas dimensões do saber. Objetiva-se examinar as contribuições de Dewey acerca da escola como instrumento de mudança social e seu papel na democracia como processo contínuo, demonstrando como a educação transcende a transmissão cultural para tornar-se uma ferramenta de ressignificação da realidade. A metodologia consiste na análise de obras do autor, articulando suas concepções de educação, democracia e a função social da escola. Será realizada uma revisão crítica da literatura secundária para discutir a aplicabilidade contemporânea de suas ideias, sintetizando os princípios que vinculam a educação à formação de cidadãos críticos. O estudo reforça a atualidade do pensamento deweyano para repensar a educação como alicerce de sociedades verdadeiramente democráticas.

Palavras - Chave: Conhecimento; Contribuição; Democracia

Abstract

This study analyzes John Dewey's view of school as an agent of social transformation and its contribution to the construction of a democratic society. For the author, the school institution is fundamental in the development of intellectual attitudes such as reflection and social responsibility, which are essential for participatory citizenship. The research is justified by the importance of understanding how education, in his view, not only inserts the individual into culture, but also emancipates them from traditional paradigms through contact with various dimensions of knowledge. The objective is to examine Dewey's contributions regarding the school as an instrument of social change and its role in democracy as a continuous process, demonstrating how education transcends cultural transmission to become a tool for reframing reality. The methodology consists of analyzing the author's works, articulating his conceptions of education, democracy, and the social function of school. A critical review of secondary literature will be conducted to discuss the contemporary applicability of his ideas, synthesizing the principles that link education to the formation of critical citizens. The study reinforces the relevance of Dewey's thinking for rethinking education as the foundation of truly democratic societies.

Keywords: Knowledge; Contribution; Democracy.

INTRODUÇÃO

Setenta e três anos após sua partida, John Dewey mantém-se como uma figura central nos estudos da educação. A permanência de seu legado deve-se à visão da educação como um processo contínuo de crescimento e transformação. Para Dewey, a escola não é meramente um local de transmissão de conhecimentos, mas um espaço de investigação e construção do saber, onde a aprendizagem se desenvolve por meio de uma relação dialética entre experiência e conceito, observação e ação. Seu modelo explicita esse desenvolvimento natural, descrevendo como a aprendizagem transforma impulsos e sentimentos da experiência concreta em ação reflexiva e transformadora.

John Dewey nasceu em 1859, em Burlington, Vermont, EUA. Ele se formou em Filosofia pela Universidade de Vermont e, posteriormente, obteve seu doutorado na Universidade Johns Hopkins.

Dewey dedicou grande parte de sua carreira acadêmica à Universidade de Chicago e à Univer-

sidade de Columbia, onde desenvolveu suas ideias sobre educação e democracia.

Publicou mais de 700 artigos e 40 livros ao longo de sua vida. Sua obra abrange diversas áreas, incluindo psicologia, filosofia, política e educação. Ele é amplamente reconhecido por sua contribuição ao movimento da educação progressiva, que busca reformar a educação tradicional, tornando-a mais dinâmica e centrada no aluno.

A teoria educacional de Dewey se baseia em duas bases gerais, a educação progressiva e aprendizagem ativa e experiencial.

Vivendo em um século de profundas mudanças que Hobsbawm (1995) dividiu em Era das Catástrofes, Era de Ouro e Era do Desmoronamento, Dewey buscou construir uma filosofia capaz de responder aos desafios de sua época. Sua obra, marcada pela prática, estabelece uma ponte entre teoria e ação, oferecendo ferramentas para compreender e transformar a realidade.

Ancorados em sua metodologia atenta ao contexto social, político e cultural, podemos analisar o papel da educação no final do século XIX e início do XX. Como observa Silva (2015), é no passado que buscamos elementos para compreender o presente, aprofundando assim a investigação sobre o professor na proposta deweyana.

Dewey nos convida a repensar a educação pela ótica da democracia como forma de vida. Para ele, a escola deve funcionar como uma comunidade democrática, promovendo a associação humana, a experiência compartilhada e a adaptação às mudanças sociais. Cumpria, assim, um papel essencial na formação de atitudes intelectuais como iniciativa, reflexão, liberdade e responsabilidade social.

Como ele mesmo definiu, “Educação é uma reconstrução ou reorganização da experiência, que esclarece e aumenta o sentido desta e também nossa aptidão para dirigirmos o curso das experiências subsequentes” (DEWEY, 1979, p. 83). Essa noção segue hoje como fundamento de uma prática educativa significativa e transformadora.

Dewey – E seu contexto

John Dewey (1859-1952) consagrou-se como um dos pensadores mais influentes do século XX, cujo legado permanece vivo na pedagogia e na filosofia. Sua obra, fundamentada no pragmatismo, propõe uma visão transformadora da educação como processo ativo e socialmente construído, inspirando gerações de educadores em todo o mundo.

No centro da filosofia deweyana está a experiência como base do conhecimento. Dewey defendia que o saber não é estático, mas se constrói na interação prática com o mundo, onde ideias são validadas por suas consequências e aplicabilidade. Essa perspectiva orienta suas propostas educacionais, organizadas em torno de quatro pilares principais:

- Aprendizagem pela experiência: A educação deve partir do envolvimento ativo do aluno com situações reais, promovendo uma assimilação significativa do conhecimento.
- Escola-comunidade: A instituição escolar funciona como uma sociedade em miniatura, onde os estudantes desenvolvem habilidades de cooperação, resolução de problemas e exercício da cidadania.
- Professor como facilitador: O educador atua como guia, criando ambientes estimulantes para a investigação, em contraste com o modelo tradicional de transmissão unilateral de conteúdo.
- Conhecimento contextualizado: Dewey criticava o ensino baseado em abstrações desconectadas da realidade, defendendo um currículo vinculado à vida prática e aos desafios sociais.

As ideias de Dewey ecoam em diversas tendências pedagógicas contemporâneas. Metodologias como aprendizagem baseada em projetos, ensino por problemas e abordagens colaborativas refletem sua ênfase na atividade discente. Da mesma forma, a formação para a cidadania democrática – central em seu pensamento, mantém-se como objetivo fundamental nos sistemas educacionais modernos.

Apesar de sua relevância, a proposta deweyana não está isenta de questionamentos. Críticos apontam possíveis limitações em sua confiança na experiência, argumentando que:

- O conhecimento teórico e disciplinar poderia ser subvalorizado;
- Fatores como desigualdades sociais e estruturas de poder não receberiam a devida atenção;
- Há risco de relativismo ao priorizar a utilidade prática em detrimento de verdades objetivas.

A atualidade de Dewey reside em sua capacidade de articular educação e democracia como processos recíprocos e inacabados. Seu pensamento incentiva uma reflexão permanente sobre o papel da escola na formação de indivíduos críticos e na transformação social. Para educadores e pesquisadores, sua obra segue como referência indispensável não como fórmula pronta, mas como convite à reconstrução contínua da prática pedagógica.

Fundamentos da Teoria Educacional de Dewey

A teoria educacional de John Dewey estrutura-se em dois princípios fundamentais: a educação progressiva e a aprendizagem ativa e experiencial.

Dewey defendia uma educação centrada no aluno, adaptada às suas necessidades e interesses. Sua proposta pedagógica enfatiza a aprendizagem como processo ativo e participativo, no qual os alunos são estimulados a explorar, questionar e descobrir autonomamente. Em oposição ao modelo tradicional caracterizado como passivo e autoritário. Dewey entendia que a educação deve preparar os estudantes para a vida em sociedade democrática, desenvolvendo capacidades de pensamento crítico e resolução de problemas.

Para Dewey, o conhecimento constrói-se pela interação com o mundo, e não por transmissão passiva de informações. A educação deve, portanto, envolver atividades práticas e experiências reais, que permitam aos alunos aplicar saberes em contextos significativos. Nessa perspectiva, a aprendizagem é mais efetiva quando os estudantes se engajam em tarefas com sentido pessoal e social, como projetos coletivos, experimentações científicas e investigações baseadas em problemas, estabelecendo conexões entre teoria e prática.

Dewey concebia a escola como microcosmo da sociedade democrática, onde os alunos desenvol-

vem participação ativa e responsabilidade cívica. A inclusão dos estudantes nas decisões que impactam sua aprendizagem como a definição de regras de convivência, organização de projetos e mediação de conflitos promove não apenas o senso de responsabilidade, mas também habilidades sociais e capacidades de trabalho coletivo.

Em sua abordagem, o professor assume o papel de facilitador da aprendizagem, atuando como guia no processo de descoberta dos alunos. A relação educativa baseia-se no respeito mútuo e na colaboração, cabendo ao educador oferecer suporte e desafios adequados ao desenvolvimento discente. Ao criar ambientes seguros para a expressão de ideias e questionamentos, o professor fomenta a confiança e o engajamento ativo no processo de aprendizagem.

A aplicação dos princípios deweyanos inspirou metodologias inovadoras, com destaque para:

- Ensino por Projetos: Os alunos investigam questões reais, desenvolvem soluções para problemas complexos e criam produtos que demonstram sua compreensão, articulando saber teórico e aplicação prática enquanto desenvolvem colaboração e comunicação.
- Aprendizagem Colaborativa: Por meio do trabalho em grupo com objetivos comuns, os estudantes compartilham responsabilidades, debatem ideias e constroem conhecimentos coletivamente, desenvolvendo competências sociais como empatia e cooperação.

A implementação dessas abordagens requer a organização de atividades que incentivem a interação, como discussões em grupo e resolução conjunta de problemas, em um ambiente que promova respeito e valorização das contribuições individuais. Dessa forma, a escola não apenas enriquece a experiência formativa, mas também

prepara os alunos para atuar em contextos sociais e profissionais colaborativos.

DESENVOLVIMENTO

A Escola como Ambiente Simplificado e Socializador

Uma civilização complexa não pode ser assimilada in toto. Cumpre, por assim dizer, fragmentá-la em vários pedaços e fazê-la assimilar aos poucos, de modo gradativo. A primeira função do órgão social que denominamos escola é proporcionar um ambiente simplificado. Selecionando os aspectos mais fundamentais, e que sejam capazes de despertar reações da parte dos jovens, estabelece a escola, em seguida, uma progressão, utilizando-se dos elementos adquiridos em primeiro lugar como meio de conduzi-los ao sentido e compreensão real das coisas complexas (Dewey, 1916/1979, p. 21).

Conforme Dewey, a escola tem a responsabilidade de preparar os indivíduos para a vida em sociedade, incentivando a participação ativa e a colaboração. Ao transmitir as conquistas da humanidade, a escola contribui para a evolução social e cultural, preparando as futuras gerações para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Educação como Agente de Reforma Social

Acredito que a educação é o método fundamental de progresso social e de reforma. Acredito que todas as reformas que se ancoram simplesmente na promulgação de leis, ou na ameaça de certas penalidades, ou ainda em mudanças por arranjos mecânicos ou exteriores, são transitórias e fúteis. (Dewey, 1897).

O Meio Social como Fator Educativo

As experiências sociais moldam o indivíduo, influenciando suas ações, pensamentos e emoções. Dewey destaca que o meio social exerce uma influência educativa sobre o indivíduo, independentemente de qualquer intenção, como no caso de uma criança que cresce em um ambiente musical e desenvolve suas habilidades musicais. O ambiente social desempenha um papel essencial na formação das boas maneiras e do bom gosto.

A Comunicação como Base da Sociedade

Algo que não podemos deixar de citar quando tratamos do ser social é a comunicação: “A linguagem é [...] sem dúvida alguma, a causa principal da noção comum de que o conhecimento se pode transmitir diretamente de uma a outra pessoa” (DEWEY, 1959, p. 15). Por isso, achamos de grande valia esse trecho onde Dewey escreve: “Compreenderem-se duas pessoas significa que as coisas, inclusive os sons, [ou, em nosso entendimento, também gestos], têm para ambas o mesmo valor, ao se dedicarem a uma empresa comum” (1959, p. 17). Ou seja, a compreensão através da comunicação é fundamental para seres humanos que vivem em uma mesma sociedade. E é de substancial importância para a educação, quando assumimos que esta tem uma função socializadora.

A Indissociabilidade do Indivíduo e da Sociedade

A formação do indivíduo, intrinsecamente ligada ao contexto social, deve visar ao desenvolvimento de suas potencialidades de modo a torná-lo um agente ativo na transformação da sociedade. “Se eliminarmos o fator social da criança, ficare-

mos apenas com uma abstração; se eliminarmos o fator individual da sociedade resta-nos apenas uma massa inerte e sem vida” (Dewey, 1897). A educação emerge como o processo fundamental para a perpetuação da vida social, garantindo a transmissão dos valores, conhecimentos e práticas que constituem o tecido social. “O que a nutrição e a reprodução são para a vida fisiológica, a educação é para a vida social” (DEWEY, 1959, p. 14).

METODOLOGIA

A Escola como Ambiente Especialmente Preparado

A escola, como um ambiente especialmente projetado para a aquisição de conhecimento, desempenha o papel de simplificar a complexidade do mundo. Ao dividir o saber em áreas específicas, a escola proporciona aos estudantes uma base sólida para a construção de conhecimentos mais complexos e abrangentes, “selecionando os aspectos mais fundamentais, e que sejam capazes de despertar reação da parte dos jovens (...) na progressão, utilizando os elementos adquiridos em primeiro lugar como meios de conduzi-los ao sentido e compressão real das coisas mais complexas” (DEWEY, 1959, p. 21). Logo, “as escolas, todavia, continuam sendo o exemplo típico do meio especialmente preparado para influir na direção mental e moral dos que a frequentam” (DEWEY, 1959, p. 20).

Prática Pedagógica Dialógica e Democrática

Dewey defende que a escola deve ser um espaço de diálogo e de construção coletiva, onde os indivíduos possam desenvolver suas potencialidades e contribuir para a transformação da sociedade. A

educação numa função socializadora, onde os alunos, interagindo entre si e juntamente com o professor, socializam suas necessidades e seus interesses, para que juntos possam construir sua aprendizagem de forma democrática, atendendo os interesses de ambas as partes, tanto da escola quanto dos alunos.

Superação de Dicotomias

Segundo Cunha, os argumentos de Dewey pretendem mostrar que: “A meta [...] é ultrapassar o raciocínio dicotômico que opõe a criança, de um lado, e a experiência do adulto, de outro. [...] os conceitos tidos como antagônicos o são apenas na aparência: o desenvolvimento da criança enquanto ser individual e os valores sociais adultos; o desenvolvimento psicológico e a ordenação lógica dos saberes contidos nos programas de ensino. O fundamento de sua tese é que os componentes do mundo adulto encontram-se já no ser infantil [...] O ser individual é a semente do ser social e por isso não se há de opor a liberdade da criança aos ensinamentos contidos nos programas de ensino” (CUNHA, 1998, p. 60). O método, portanto, baseia-se no estímulo às potencialidades da criança em função das demandas das situações sociais nas quais ela se encontra (Dewey, 1897).

Seleção e Filtro do Ambiente Social

É função da escola, eliminar o mais possível os aspectos que não trazem vantagens dentro do ambiente escolar. A escola deve omitir as coisas perniciosas à vida do aluno, fazendo com que com o andar do tempo, a sociedade veja a necessidade de não transmitir e conservar todas as suas realizações, mas sim, unicamente as que importam para uma sociedade futura mais perfeita. Por fim, a última função advoga que a missão deveras da escola, escolher os elementos do ambiente social e propor-

cionar oportunidades para cada indivíduo de modo que fique longe das limitações do seu grupo social e proporcionar desta feita, um amplo estudo com mais oportunidades (DEWEY, 1959, p. 22).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Escola como Embrião da Democracia

A concepção deweyana da escola como “embrião da democracia” representa muito mais que uma simples metáfora educacional - constitui um princípio filosófico fundamental que redefine a própria essência da instituição escolar. Para Dewey, a escola não deve preparar para a democracia em um futuro distante, mas sim encarnar a experiência democrática no presente, transformando-se em um laboratório vivo onde as condições da vida democrática são praticadas, refletidas e reconstruídas cotidianamente.

1. Fundamentos Filosóficos da Escola Democrática

A profundidade do pensamento deweyano revela-se na compreensão da democracia não como mero arranjo político, mas como “modo de vida associado” que requer aprendizado contínuo através da experiência. A escola, nesse contexto, assume o papel de ambiente privilegiado onde os indivíduos aprendem a conciliar liberdade pessoal com responsabilidade social, desenvolvendo as disposições necessárias para a convivência democrática. Dewey compreendia que a democracia não se sustenta apenas em instituições formais, mas depende fundamentalmente de hábitos de pensamento e caráter que devem ser cultivados desde a infância.

2. A Escola como Microcosmo Social

A instituição escolar funciona como um microcosmo da sociedade mais ampla, porém com uma diferença crucial: enquanto a sociedade exterior muitas vezes reproduz hierarquias e desigualda-

des de forma acrítica, a escola democrática deve organizar-se intencionalmente para superar essas limitações. Através da interação com perspectivas diversas em um ambiente estruturado para o diálogo, os estudantes desenvolvem o que Dewey denominava “inteligência social” - a capacidade de compreender pontos de vista diferentes, negociar significados compartilhados e cooperar na solução de problemas comuns.

3. A Prática Democrática como Conteúdo Educativo

O currículo na escola deweyana transcende a mera transmissão de conteúdos disciplinares para incorporar a vivência democrática como eixo central. Isso se manifesta através de práticas como:

- Assembleias escolares onde estudantes participam das decisões coletivas
- Projetos colaborativos que exigem negociação e divisão de responsabilidades
- Espaços de deliberação sobre conflitos e desafios da convivência escolar
- Atividades que conectam problemas da comunidade local com o aprendizado

4. Desenvolvimento Individual e Coletivo Integrados

A genialidade da proposta deweyana reside na superação da falsa dicotomia entre desenvolvimento individual e formação social. Na escola como embrião democrático, o crescimento pessoal e o compromisso coletivo alimentam-se mutuamente: as capacidades individuais florescem precisamente através do engajamento em projetos compartilhados, enquanto a comunidade se fortalece pelo aporte singular de cada membro. Essa visão holística reconhece que a plena realização individual só é possível em um contexto de interdependência social consciente e democraticamente organizada.

5. Preparação para a Transformação Social

Longe de reproduzir passivamente a ordem social existente, a escola como embrião da democracia prepara os estudantes para a transformação social inteligente. Ao vivenciar formas mais avançadas de associação humana no ambiente escolar, os educandos desenvolvem não apenas a capacidade de adaptação à sociedade, mas também a competência para criticar e melhorar as instituições democráticas. Como Dewey enfatizava, a educação democrática não consiste em adestrar para a cidadania, mas em capacitar para a reconstrução contínua da experiência social através de métodos inteligentes de investigação e ação coletiva.

6. Relevância Contemporânea

Na era da globalização e das sociedades complexas, a visão deweyana mantém extraordinária atualidade. Os desafios contemporâneos - das mudanças climáticas às desigualdades digitais - exigem precisamente aquelas capacidades que a escola democrática cultiva: pensamento sistêmico, colaboração transcultural, resolução criativa de problemas e compromisso com o bem comum. A escola como embrião da democracia revela-se, assim, não como uma utopia educacional, mas como necessidade premente para enfrentar os complexos desafios do século XXI.

Esta concepção transforma radicalmente o papel da educação: de instrumento de preparação para a vida futura, converte-se em experiência vital de democracia no presente, onde estudantes aprendem fazendo, deliberam decidindo e crescem transformando - não apenas a si mesmos, mas as próprias possibilidades da vida democrática.

Análise Crítica da Realidade Social

John Dewey enfatiza a intrínseca ambiguidade do conceito de “sociedade”, que pode designar

tanto um ideal a ser alcançada quanto uma realidade concreta marcada por complexidades e contradições. Em sua perspectiva, a educação deve fundamentar-se na análise crítica do tecido social, identificando e potencializando os elementos mais progressistas presentes nas diversas formas de vida coletiva, com vistas à contínua melhoria da experiência humana. Esta concepção transcende a visão da educação como mera transmissão de conhecimentos, assumindo-a como processo formativo de cidadãos críticos e participativos, capazes de intervir conscientemente em sua realidade.

Ancorada no pragmatismo filosófico, a abordagem deweyana rejeita os dualismos tradicionais como indivíduo versus sociedade e teoria versus prática – compreendendo a realidade como um campo dinâmico de relações em permanente transformação. Neste marco conceptual, a verdade não constitui uma correspondência estática com a realidade, mas sim um instrumento para a ação eficaz em contextos específicos. A análise social adquire, assim, um caráter experimental, onde o conhecimento emerge da investigação ativa sobre problemas concretos, mediante a observação sistemática das condições materiais, a identificação das consequências de ações e políticas, e a revisão contínua de hipóteses com base nos resultados obtidos.

Esta análise possui uma inalienável dimensão democrática, não se restringindo a especialistas, mas configurando-se como um processo coletivo que exige a participação ampla dos afetados pelas questões investigadas, a discussão pública de evidências e interpretações, e a negociação contínua de significados compartilhados. Dewey contestava vigorosamente as abordagens tradicionais que substituíam a complexidade social por generalizações abstratas, separavam a reflexão teórica da prática transformadora ou ignoravam o contexto histórico das instituições e problemas.

Como instrumento metodológico, propõe o “Método da Inteligência”, um processo sistemático que envolve a identificação de situações problemáticas, a formulação de hipóteses explicativas, o teste experimental de soluções e a avaliação de suas consequências. Complementarmente, a análise institucional examina as estruturas sociais como padrões estabelecidos de interação, mecanismos de distribuição de poder e contextos para o desenvolvimento humano.

Na aplicação à educação, a escola consolida-se como locus privilegiado para desenvolver capacidades de análise social nos estudantes, problematizar relações de poder e desigualdade, converter a sala de aula em espaço de investigação comunitária e articular o conhecimento escolar com questões socialmente relevantes. Embora reconheça limitações como o risco de instrumentalização do conhecimento, a dificuldade em lidar com assimetrias de poder e a potencial subestimação de estruturas de dominação, a perspectiva deweyana oferece contribuições duradouras através da superação do academicismo desconectado da prática, da formulação de uma epistemologia democrática e do estabelecimento de bases para uma pedagogia da transformação social.

A atualidade desta abordagem manifesta-se na sua relevância para a análise de problemas complexos contemporâneos – como as mudanças climáticas e as desigualdades digitais –, para a reconstrução de instituições democráticas, para o desenvolvimento de metodologias participativas de pesquisa-ação e para a formulação de políticas públicas baseadas em evidências. Esta concepção de análise social permanece como alternativa vigorosa tanto ao positivismo quanto ao relativismo, oferecendo fundamentos para uma práxis transformadora radicalmente democrática.

Neste contexto, a educação configura-se como reconstrução da experiência, um processo que, segundo Teixeira e Westbrook (2010, p. 54), “somente pode ser aceita e conscientemente buscada por

sociedades democráticas, que visem, não à simples preservação dos costumes estabelecidos, mas à sua constante renovação e revisão”. A reconstrução experiencial exige, portanto, um ambiente democrático que proporcione ampla liberdade aos seus membros e cultive um espírito de solidariedade social e comunhão de interesses, condições indispensáveis para estimular o dinamismo reconstrutor inerente à teoria educacional deweyana.

Críticas e Contrapontos

Cunha diverge da ideia de que o meio social seja o único fator determinante na educação, argumentando que essa visão pode levar a um individualismo excessivo. Este pensador aponta que o pragmatismo de Dewey, ao enfatizar a utilidade imediata do conhecimento científico, corre o risco de cair em um relativismo epistemológico. Essa visão, segundo o autor, enfraquece a busca pela verdade objetiva e subordina a ciência a interesses particulares e contingentes, em detrimento de uma compreensão mais profunda da realidade. Cunha propõe uma visão relativista da função social da educação, reduzindo-a a “utilidade imediata do conhecimento científico, na esfera de necessidades particulares, individuais e isoladas, por vezes mesquinhos, de pessoas, grupos ou nações” (CUNHA, 1993, p. 94).

Cunha desenvolve uma crítica fundamentada à filosofia educacional de John Dewey, centrando sua análise em três eixos principais interligados. Inicialmente, questiona o que caracteriza como reducionismo sociológico na abordagem deweyana, argumentando que a supervalorização do meio social como fator educativo negligencia outras dimensões essenciais do desenvolvimento humano, como os fatores biológicos e cognitivos inatos, as tradições culturais e saberes estabelecidos, e a dimensão transcendental da experiência humana. Paralelamente, Cunha iden-

tifica o que denomina de individualismo encoberto na proposta deweyana, apontando uma contradição fundamental: embora se apresente como comunitária, a ênfase na adaptação individual ao meio poderia gerar um individualismo utilitarista, onde os valores coletivos subordinam-se às necessidades individuais imediatas, a solidariedade transforma-se em mero instrumento para realização pessoal, e perde-se a noção de bem comum como valor transcendente.

No plano epistemológico, a crítica de Cunha concentra-se no potencial relativista do pragmatismo deweyano, destacando três riscos interrelacionados: a instrumentalização do conhecimento, onde a verdade como “o que funciona” eliminaria parâmetros objetivos de validação; o contextualismo excessivo, no qual a vinculação do conhecimento a situações específicas impediria a formulação de princípios universais; e a fragilização da ciência, através da subordinação à utilidade imediata, o que comprometeria a busca desinteressada pelo conhecimento, a autonomia da investigação científica e a possibilidade de critérios transcontextuais de verdade.

Em relação às consequências para a educação, Cunha alerta para os riscos da aplicação radical do pragmatismo, particularmente no empobrecimento curricular, manifestado na priorização de conhecimentos úteis em detrimento de saberes fundamentais na fragmentação do conhecimento em unidades funcionais desconexas e na perda da dimensão formativa dos conteúdos disciplinares. Igualmente preocupante, segundo o autor, é a relativização de valores, onde a educação moral reduzir-se-ia à resolução de problemas situacionais, com ausência de referências éticas transcendentais e uma moral baseada exclusivamente em consequências práticas.

A perspectiva deweyana, contudo, ofereceria respostas consistentes a essas críticas, sustentando que a experiência não é individualista, mas sempre socialmente mediada; que o pragmatismo não nega

verdades objetivas, mas as reconceitua como fruto de investigação coletiva; e que a utilidade não é mesquinha, mas referente ao enriquecimento da experiência humana. A crítica de Cunha mantém especial atualidade ao alertar para a comercialização do conhecimento na sociedade capitalista, a fragmentação do saber em competências instrumentais e a perda da dimensão crítica da educação em propostas puramente “práticas”.

Este diálogo crítico revela tensões fundamentais na filosofia da educação, particularmente entre universalismo e contextualismo, na necessidade de manter valores universais sem cair em dogmatismo; entre individualidade e coletividade, no desafio de equilibrar autonomia pessoal e responsabilidade social; e entre utilidade e formação, na complexa tarefa de conciliar relevância prática com desenvolvimento humano integral. A crítica de Cunha, longe de refutar totalmente Dewey, aponta para necessários ajustes na aplicação de seu pensamento, destacando que uma educação verdadeiramente transformadora deve superar tanto o tradicionalismo dogmático quanto o pragmatismo reducionista. Esta análise demonstra a vitalidade do pensamento deweyano, que continua a gerar debates frutíferos sobre os fins e meios da educação, num século após sua formulação original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de John Dewey levanta uma questão central para qualquer teoria pedagógica: a necessidade de investigar constantemente o “sentido do social” para definir a finalidade da educação. Para o filósofo, a função social da educação está intrinsecamente ligada ao tipo de sociedade que se almeja construir, pois os métodos e normas educacionais variam conforme o ideal de vida social predominante.

Este é um pressuposto fundamental para uma educação genuinamente democrática. Como o

próprio Dewey afirma, é desejável que educadores promovam uma “compreensão inteligente das forças e movimentos sociais do nosso tempo e a função que devem cumprir instituições educacionais” (DEWEY, 1952, p. 67). Essa compreensão é crucial para analisar o que ele denomina “a liberdade da escola como meio de educação” (1952, p. 71), conceito no qual a liberdade transcende o individual para assumir uma dimensão coletiva.

Nessa perspectiva, uma educação alinhada aos princípios democráticos deve promover a equidade e a justiça. O ‘método da inteligência’ (DEWEY, 1952, p. 75), ao fomentar a capacidade crítica, surge como um instrumento para desafiar preconceitos e estruturas de poder autoritárias, abrindo caminho para transformações sociais significativas. Dewey reconhece a escola como um agente decisivo na “formação da inteligência e disposições essenciais para manter uma autêntica transformação da or-

dem social” (Dewey, 1996, p. 194), mas alerta que, para isso, ela deve romper com a mera reprodução da ordem vigente.

O grande desafio, portanto, é promover uma inteligência social obtida por meio do esforço coletivo, e não restrita à capacidade intelectual de poucos. Trata-se de sustentar experiências de participação que confrontem lógicas que priorizam o lucro em detrimento de condições de vida mais justas, igualitárias e solidárias.

O legado de Dewey permanece vital. Sua visão do indivíduo como um ser singular e social, e da aprendizagem como um processo ativo e socialmente construído, continua a inspirar a busca por uma educação que supere os limites do modelo tradicional. Ao defender uma prática pedagógica significativa e humanizadora, que promova a democracia desde os primeiros anos, sua filosofia nos orienta na construção de um futuro mais justo e equitativo.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Marcus Vinicius da. **Antinomia do pensamento pedagógico: o delicado equilíbrio entre indivíduo e sociedade**. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 77-98, jul./dez. 1993.

CUNHA, Marcus Vinicius da. **John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEWEY, John. **My pedagogic creed**. *School Journal*, v. 54, p. 77-80, jan. 1897. Disponível em: <http://dewey.pragmatism.org> Acesso em: jul. 2025.

_____. **Democracia e educação**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

_____. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1959.

_____. **Experiência e educação**. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1979.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991.** Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MONDIN, Battista. **Curso de filosofia. 7.** ed. São Paulo: Paulinas, 1983. v. 3.

SILVA, Gilson. **Formação continuada e prática docente de professores de ciências naturais nos anos iniciais do ensino fundamental.** 2015. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

WESTBROOK, Robert B. **Ensaio.** In: WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey. Recife:** Massangana, 2010. p. 47-60.